

VARIAÇÃO *TU* E *VOCÊ* NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS DO ESCRITOR ALAGOANO GRACILIANO RAMOS

VARIATION *TU* AND *VOCÊ* IN THE SUBJECT POSITION IN PERSONAL LETTERS BY THE WRITER GRACILIANO RAMOS

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vítório¹

RESUMO

Com o objetivo de começar a rastrear a implementação do tratamento *você* na variedade alagoana, focalizamos a variação *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais escritas na primeira metade do século XX. Para tanto, recorremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) e à Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), e utilizamos uma documentação composta por 110 cartas pessoais escritas pelo alagoano Graciliano Ramos entre 1910 e 1949. Para a análise dos dados, controlamos as variáveis independentes realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário, através de análises univariadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2022). Nossos dados mostram que o pronome *tu* é mais frequente, apresentando um comportamento mais íntimo e solidário, com o tratamento *você* sendo mais favorecido nos seguintes contextos: sujeito expresse, décadas de 1930 e 1940, relações com a esposa e o filho, subgênero carta de casal e destinatário feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Tu/você. Posição sujeito. Cartas pessoais. Variedade alagoana.

ABSTRACT

With the aim of starting to trace the implementation of the treatment *você* in the Alagoas variety, we focus on the variation *tu* and *você* in the subject position in personal letters written in the first half of the 20th century. To do so, we resorted to Historical Sociolinguistics (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) and to the Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), and used a documentation composed of 110 personal letters written by Graciliano Ramos from Alagoas between 1910 and 1949. For the data analysis, we controlled the independent variables realization of the subject, decade, recipient, subgenre of the letter and gender of the recipient, through univariate analyzes on the R platform (R CORE TEAM, 2022). Our data show that the pronoun *tu* is more frequent, presenting a more intimate and supportive behavior, with the treatment *você* being more favored in the following contexts: express subject, 1930s and 1940s, relationships with wife and son, subgenre letter couple and female recipient.

KEYWORDS: Tu/você. Subject position. Personal letters. Alagoas variety.

Introdução

Pesquisas sociolinguísticas, tanto de base sincrônica quanto diacrônica, têm permitido descrever diferentes fenômenos linguísticos variáveis em diversas variedades do português, contribuindo para a descrição de uma norma linguística brasileira. Um fenômeno que tem sido amplamente estudado é a representação da segunda pessoa do singular (2PS) na posição de sujeito (SCHERRE *et al.*, 2015; LOPES *et al.*, 2018), que tende a ser condicionado por fatores linguísticos, sociais, pragmáticos, históricos e geográficos (COUTO; LOPES, 2011).

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL), elyne.vitorio@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-6279-2379>.

Pelo viés sincrônico, Scherre, Andrade e Catão (2021) apresentam cinco possibilidades de construções pronominais para a realização da 2PS: *você, cê, ocê, tu* sem concordância e *tu* com concordância. Os autores propõem um redesenho do mapa dos pronomes *tu/você/cê/ocê* (SCHERRE *et al.*, 2015) para três construções: macro *VOCE*, *tu* sem concordância e *tu* com concordância. Essas construções, a depender do condicionamento geográfico, são vistas ora como traços interacionais, ora como traços identitários.

Na fala alagoana, pesquisas sobre a variação *tu* e *você* na posição de sujeito (CARDOSO, 2008; SILVA; VITÓRIO, 2017; VITÓRIO, 2018, 2019, 2021; SILVA, 2019; SILVA, 2020; DIVINO, 2020; VITÓRIO; SILVA, 2021) têm mostrado que *você* é a variante coringa para representar a 2PS, com as variantes *cê* e *tu* sem concordância apresentando poucas realizações, principalmente *tu* sem concordância em entrevistas sociolinguísticas do tipo entrevistador-entrevistado. Há também o registro de *tu* com concordância e *ocê*.

Essas descrições nos levam a três considerações para os dados de fala da variedade alagoana: (i) *você* é a forma coringa para tratamento ao interlocutor, transitando em qualquer contexto interacional; (ii) *cê* e *tu* sem concordância também são variantes selecionadas, mas com percentuais mais baixos de uso, sendo avaliadas como variantes informais e que expressam mais intimidade entre os falantes; e (iii) *tu* com concordância e *ocê* também fazem parte dessa variedade, mas ainda temos poucas pesquisas sociolinguísticas sobre esses usos.

Pelo viés diacrônico, pesquisas feitas com base em cartas pessoais, conforme Lopes *et al.* (2018), mostram que, a partir do século XIX, a variante *você*, advinda, via processo de gramaticalização, do tratamento *Vossa Mercê*, apresentava um caráter híbrido. *Você* transitava por distintos espaços discursivo-pragmáticos, mas, o emprego do *tu* era mais frequente, principalmente em relações mais íntimas e solidárias. A substituição de *tu* por *você* na posição de sujeito acontece, nas regiões Sul e Sudeste, a partir da década de 1930 (LOPES, 2009).

Na região Nordeste, por sua vez, tomando por base *corpora* de cartas do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, Martins *et al.* (2015) e Lopes *et al.* (2018) mostram que a forma pronominal *você* é a variante mais frequente em quase todas as décadas dos séculos XIX e XX. Na primeira metade do século XX, mais especificamente na década de 1910, o subsistema de tratamento exclusivo de *você* já está bastante consolidado, com o *tu* ocorrendo em cartas pessoais que apresentam maior intimidade e solidariedade entre os interlocutores.

No estado de Alagoas, ainda não há uma descrição desse fenômeno linguístico variável na escrita de sincronias passadas, o que nos impossibilita entender como se deu o processo de implementação e transição de *você* e quais restrições linguísticas, sociais e pragmáticas atuaram nesse processo. Para começar a rastrear a implementação de *você* na variedade alagoana, focalizamos a variação *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais escritas pelo escritor alagoano Graciliano Ramos na primeira metade do século XX.

Nosso objetivo é analisar se, no início do século XX, *você* já apresenta uma elevada taxa de uso em uma amostra escrita alagoana, bem como observar o comportamento sócio-discursivo do pronome *tu* durante a inserção de *você*. Para tanto, levantamos duas questões: quais as formas de tratamento são utilizadas nas cartas analisadas e em quais contextos sociolinguísticos e pragmáticos essas formas são empregadas. Nossa hipótese é a de que o uso de *você* já é bastante alto, com *tu* sendo mais produtivo em missivas de cunho mais intimistas.

Para a análise e descrição dos dados, recorreremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) e à Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), e utilizamos uma documentação composta por 110 cartas pessoais escritas por Graciliano Ramos entre 1910 e 1949. Também controlamos as variáveis independentes realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário, através de análises univariadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2022).

A fim de cumprir os objetivos propostos, este artigo está estruturado da seguinte forma: além desta seção introdutória; apresentamos, na próxima seção, o aporte teórico e metodológico que embasa este trabalho, bem como descrevemos as missivas utilizadas na pesquisa; na seção seguinte, analisamos e discutimos os resultados obtidos acerca da variação *tu* e *você* na posição de sujeito nas cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos; e, em seguida, encerramos as discussões levantadas acerca do tema.

1. Aporte teórico e metodológico

Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982), que estuda processos de variação e mudança, que ocorreram no passado, através de textos escritos. Para tanto, baseia-se nos princípios da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1972), mas com um viés próprio: (i) a variação é inerente às línguas; (ii) a mudança linguística é gradual; (iii) a implementação da mudança ocorre a partir do encaixamento linguístico e social; (iv) métodos quantitativos podem ajudar a explicar a mudança linguística (HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

Conde Silvestre (2007) argumenta que a Sociolinguística Histórica (i) analisa a variabilidade linguística do passado, através da projeção do presente para o passado, (ii) é um subcampo híbrido que subsiste sobre o caráter interdisciplinar da metodologia sociolinguística, (iii) recupera dados linguísticos do passado a partir dos textos que sobreviveram na atualidade e (iv) focaliza dados do passado que, na maioria das vezes, são fragmentários, escassos e dificilmente veiculáveis com a produção real dos seus falantes.

Romaine (1982) argumenta que fala e escrita apresentam formas diferentes de representar a língua, devendo a língua escrita ser tratada como fonte de dados da mesma forma que a língua falada. Nesse contexto, para descrever e explicar fenômenos de variação e mudança linguísticas em seu contexto social, cultural e histórico, o pesquisador precisa seguir os procedimentos básicos de uma pesquisa variacionista de base laboviana (LABOV, 1972), ou seja, ao tentar rastrear um processo de mudança linguística em sincronias passadas,

[...] o procedimento de análise sociolinguística-histórica segue as mesmas etapas de uma análise sociolinguística: a) delimitação da variável dependente; b) descrição das variáveis independentes linguísticas e/ou extralinguísticas (que poderiam, por hipótese, estar influenciando a variável dependente); c) coleta de dados; d) transcrição e codificação dos dados coletados; e) quantificação dos dados por meio de um programa de regra variável (ROSA, 2015, p. 9).

Montgomery (2007) argumenta que, em termos teóricos, as pesquisas sociolinguísticas laboviana e histórica caminham juntas, mas metodologicamente há diferenças entre elas. Em uma pesquisa sociolinguística em sincronia atual, o pesquisador estratifica a amostra e define os informantes, ao passo que, em uma pesquisa sociolinguística em sincronias passadas, o pesquisador está restrito à disponibilidade de documentos escritos que sobreviveram “por acaso” à ação do tempo, o que significa considerar que nem sempre a amostra é homogênea.

O autor estabelece algumas dimensões que auxiliam na construção da amostra para uma pesquisa em Sociolinguística Histórica, a saber, textuais, temporais, sociais, espaciais e de representatividade. Isso significa considerar que, ao se debruçar sobre fenômenos variáveis que ocorreram no passado, cabe ao linguista identificar, descrever e selecionar os textos escritos, bem como os autores desses textos para uma melhor descrição do fenômeno linguístico variável estudado. É preciso fazer bom uso de maus dados (LABOV, 1994).

Também consideramos a proposta de Brown e Gilman (1960), uma vez que o uso das formas de tratamento está intimamente relacionado às relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário. Os autores não só postulam um sistema bidimensional de Poder (P) e Solidariedade (S) existente nas relações sociais, como também argumentam que a seleção do tratamento em uma dada situação comunicativa depende ou das posições relativas dos falantes em relação ao poder ou da solidariedade (intimidade) que existe entre eles.

O eixo do Poder representa relações verticais ou assimétricas que são governadas pelo conceito de hierarquia, podendo ser estabelecida em distintos níveis, como patrão-empregado, pai-filho, filho-mãe; o eixo da Solidariedade, por sua vez, caracteriza-se por apresentar uma relação horizontal, recíproca ou simétrica entre as pessoas, como amigo-amigo, irmão-irmã. Nesse tipo de relação, em geral, há um uso mútuo do *tu* que representa uma relação de intimidade e solidariedade entre os participantes da situação comunicativa.

Com o objetivo de começar a rastrear o processo de difusão de *você* na posição de sujeito na variedade alagoana, utilizamos uma amostra constituída por 110 cartas pessoais escritas pelo ilustre alagoano Graciliano Ramos na primeira metade do século XX. Graciliano Ramos nasceu em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo, agreste de Alagoas, e pertence à segunda geração modernista, ou Geração de 30, que compreende o período de 1930 a 1945, juntamente com Raquel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego.

Mestre Graça, como ficou conhecido, é um escritor brasileiro consagrado nacional e internacionalmente. Considerado o maior romancista da segunda fase do Modernismo, ocupando

papel social de ilustre alagoano, Graciliano Ramos não se tornou bacharel, sua educação formal se restringiu à escola primária e secundária. De acordo com Basso (2010, p. 57), “Graciliano Ramos afirma-se como profissional da escrita, um usuário da língua, o artesão da palavra, um prosador e contador de histórias do nordeste, não como um bacharel”.

Dono de um estilo seco, conciso e sintético, a preocupação com a linguagem é um traço peculiar de Graciliano Ramos, apresentando, em seus romances, uma linguagem objetiva e clara. De acordo com Lebensztayn (2014), as missivas também revelam “o rigor ético e estético do romancista” (LEBENSZTAYN, 2014, p. 145), bem como possibilitam entender “melhor as circunstâncias históricas vividas pelo escritor, suas relações afetivas e intelectuais, reflexões sobre romances e projetos literários” (LEBENSZTAYN, 2014, p. 145).

As cartas de Graciliano Ramos estão compiladas em Ramos (2011)², foram escritas entre 1910 e 1949 e enviadas aos seguintes destinatários: mãe, pai, amigo, irmãs, namorada, cunhado, esposa e filho, conforme quadro 1. As missivas seguem o padrão composicional que ancora o gênero carta pessoal: local, data, vocativo, captação de benevolência, corpo do texto, despedida e assinatura, e podem ser divididas nos subgêneros cartas de família, cartas de amigo, cartas de amor e cartas de casal (SILVA; GOMES, 2017; MELO; GOMES, 2018).

Quadro 1: Estratificação das cartas pessoais de Graciliano Ramos

Décadas	Quantidade de cartas	Destinatários + nº de cartas
1910 (1910 – 1915)	28 cartas	mãe – 5 cartas pai – 7 cartas irmãs – 8 cartas amigo – 8 cartas
1920 (1920 – 1928)	12 cartas	amigo – 5 cartas namorada – 7 cartas
1930 (1930 – 1938)	64 cartas	amigo – 1 carta pai – 5 cartas esposa – 56 cartas cunhado – 1 carta filho – 1 carta
1940 (1940 – 1949)	6 cartas	filho – 4 cartas esposa – 1 carta irmã – 1 carta

Fonte: elaboração da autora

Para descrição e análise dos dados, consideramos, como variável dependente (VD), *tu* e *você* na posição de sujeito, e, como variáveis independentes (VI), os grupos de fatores realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário. Também recorreremos à estatística

² Nesse material, constam 112 cartas ativas de Graciliano Ramos, mas, para a análise dos dados, excluimos as cartas 15 e 112, por serem endereçadas a vários destinatários – segunda pessoa do plural.

descritiva/inferencial de modo a observar as frequências dos dados e inferir associação entre a distribuição da VD e as VI. Para tanto, utilizamos a plataforma R (R CORE TEAM, 2022), mais especificamente na interface RStudio, por meio dos pacotes *ggplot2* (WICKHAM, 2016) e *ggstasplot* (PATIL; POWELL, 2018).³

2. Análise dos dados

Tendo em vista que o sistema de tratamento *você* já vigorava nas primeiras décadas do século XX na região Nordeste (MARTINS *et al.*, 2015; LOPES *et al.*, 2018) e que *você* é o pronome coringa no tratamento ao interlocutor na fala alagoana na sincronia atual (SCHERRE; ANDRADE; CATÃO, 2021), nossa hipótese básica, para a distribuição dos dados, é a de que, na documentação analisada, o uso da variante *você* já é bastante alto, evidenciando a existência do subsistema *você/tu*, conforme Lopes e Cavalcante (2011).

Após análise dos dados, computamos, conforme tabela 1, 813 realizações das formas de referências à 2PS na posição de sujeito nas cartas analisadas, que representam 66% (n = 536) de *tu*, 29% (n = 239) de *você* e 5% (n = 38) de *senhor/senhora*. As realizações de *senhor/senhora* estão presentes nas cartas enviadas ao pai Sebastião Ramos e à mãe Amélia Ramos, como (1) e (2), relações sociais assimétricas ascendentes. Lopes e Duarte (2003) e Gomes e Lopes (2016) mostram que *senhor/senhora* denotam traço de cortesia e respeito entre os interlocutores desse gênero textual, sendo frequentes nesses tipos de relações sociais.

Tabela 1: Distribuição das formas de referência à 2PS na posição de sujeito

tu	você	senhor/a
536 / 813	239 / 813	38 / 813
66%	29%	5%

Fonte: elaboração da autora

- (1) Mandei pegar os animais, como o *senhor* mandou em uma carta, mas o comprador, depois de vê-los, resolveu ficar apenas com dois, o que não me pareceu razoável, porque ele naturalmente escolheria os melhores, coisa que não tinha combinado consigo. (C6 / Carta para o pai, datada de 31/08/1913)
- (2) Fui visitar o tal Lajedo das Cobras, segundo a *senhora* insinuou-me, e não vi nada que se parecesse com cobras. (C2 / Carta para a mãe, datada de 19/06/1911)

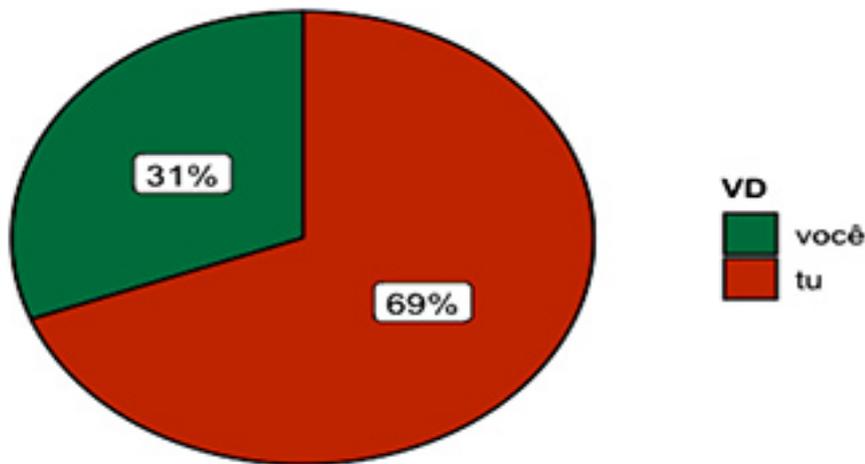
Ao retirarmos as realizações de *senhor/senhora* da análise estatística dos dados, analisamos 775 realizações de *tu* e *você*, que representam 69% (n = 536) de *tu* e 31% (n = 239) de *você* e indicam que essa diferença é estatisticamente significativa – $\chi^2(1, n = 775) = 113.82$ p < 0.001, com associação

³ Seguimos o protocolo apresentado por Freitag (2020), disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html>. Acesso em: 30 jul 2021.

média ($V^2 = 0.38$), conforme gráfico 1⁴. Esses dados mostram que o pronome *tu* é mais frequente nas cartas escritas por Graciliano Ramos na primeira metade do século XX, não corroborando a hipótese de que *você* seria a variante mais selecionada, conforme pontuam Martins *et al.* (2015) para dados da região Nordeste.

Gráfico 1: Distribuição de *tu* e *você* nas cartas pessoais de Graciliano Ramos

$$\chi^2_{\text{Gof}}(1) = 113.82, p = 1.43e-26, \hat{V}_{\text{Cramer}} = 0.38, \text{CI}_{95\%} [0.31, 0.45], n_{\text{obs}} = 775$$

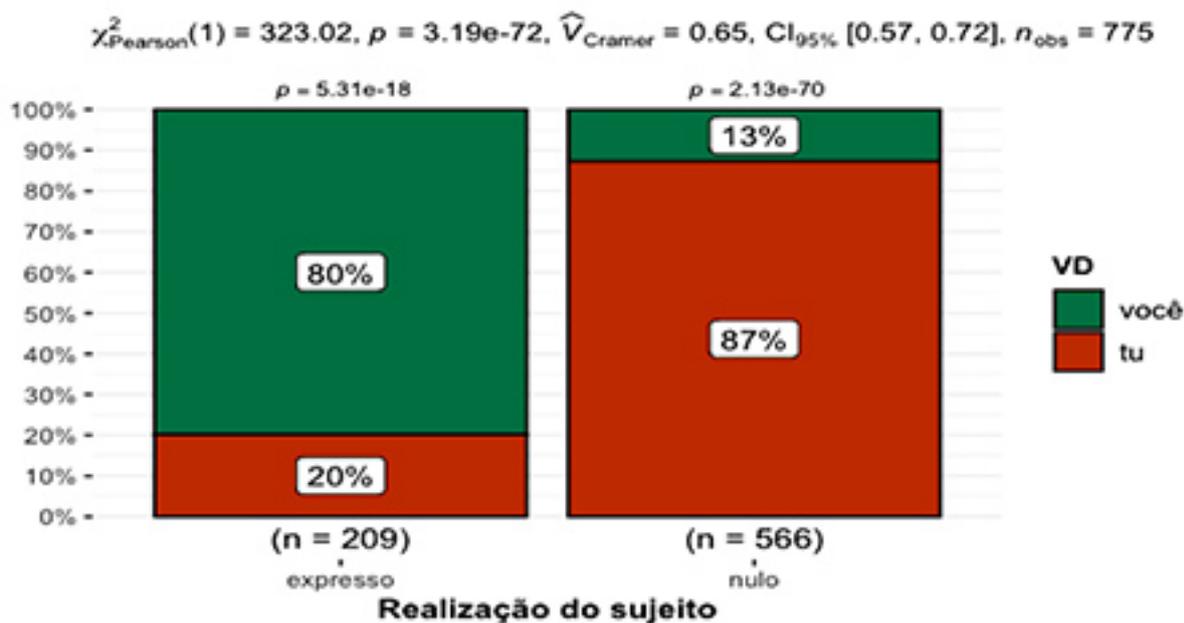


Fonte: elaboração da autora

Para a análise da variável linguística realização do sujeito, consideramos os fatores expresso e nulo, como (3) e (4), e partimos do pressuposto de que o sujeito expresso é mais favorecedor à implementação de *você*, uma vez que, por ativar a concordância com P3, *você* não consegue ser abstraído da forma verbal, conforme Menon (1995). De acordo com o gráfico 2, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(1, n = 775) = 323.02$ $p < 0.001$, com associação média forte ($V^2 = 0.65$), com o tratamento *você* sendo mais frequente no fator expresso – 80% ($n = 167$) contra 13% ($n = 72$) no fator nulo.

- (3) Ah! Se *tu* estivesses aqui. Nem \emptyset sabes o que \emptyset perdeste (C9 / Carta para o amigo, datada de 18/02/1914)
- (4) A frase que *você* estranhou não tem importância: foi escrita por brincadeira, está claro. (C62 / Carta para a esposa, datada de 4/10/1932)

⁴ Excluímos da análise dos dados as formas verbais imperativas e as realizações de 2PS em discurso reportado.

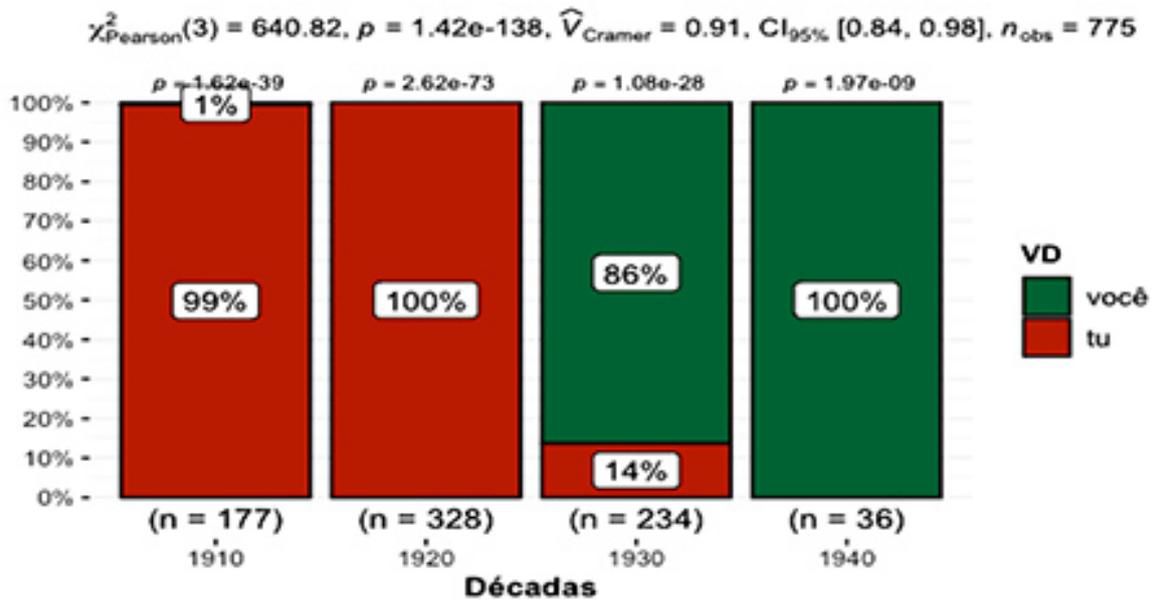
Gráfico 2: Distribuição de *tu* e *você* na variável realização de sujeito

Fonte: elaboração da autora

Esses dados corroboram os resultados de estudos anteriores (LOPES; DUARTE, 2003; LOPES, 2009; LOPES; SOUZA, 2012; ATAÍDE; LIMA, 2018), que mostram que o tratamento *você* ocorre preferencialmente expresso, como (5), em relação ao pronome *tu*. Nesse período, o pronome *tu* tende a marcar a realização de 2PS na desinência verbal sem a necessidade da realização fonética do sujeito, pois é facilmente recuperado na flexão verbal, como (6). Esse comportamento, de acordo com Lopes e Duarte (2003), é compatível com uma língua de sujeito pronominal nulo e começa a se alterar a partir da década de 1930.

- (5) Acabo de ler o papel que v. me mandou contando as aventuras da cambada no trem, especialmente o comunismo da nossa amiga Luísa. (C74 / Carta para a esposa, datada de 24/3/1935).
- (6) Dize-me com franqueza. Já Ø ouviste algum dia falar de alguém que tivesse o inqualificável procedimento que Ø tiveste para comigo? (C24 / Carta para a irmã Leonor Ramos, datada de 20/03/1915)

Com o intuito de analisarmos a distribuição dessas variantes durante a primeira metade do século XX, controlamos a variável década e consideramos os seguintes fatores: 1910, 1920, 1930 e 1940. Nossa hipótese básica é a de que, na década de 1910, já há um uso expressivo do tratamento *você*, conforme registram Martins *et al.* (2015). De acordo com o gráfico 3, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(3, n = 775) = 640.82 p < 0.001$, com associação forte ($V^2 = 0.91$), e que o uso expressivo de *você* só ocorre a partir de 1930, conforme pontuam Lopes, Marcotulio e Oliveira (2017).

Gráfico 3: Distribuição de *tu* e *você* na variável década

Fonte: elaboração da autora

Nas décadas de 1910 e 1920, *tu* predomina nas missivas analisadas – 99% (n = 176) e 100% (n = 328), respectivamente. Na década de 1910, há apenas uma realização de *você*, como (7). Essa realização é motivada pelo contexto da carta, em que o tema gira em torno de notícias e conselhos de Graciliano Ramos para o amigo J. Pinto. Conforme pontuam Lopes, Marcotulio e Oliveira (2017), podemos atribuir que o uso de *você* foi motivado, aparecendo como forma atenuadora em um contexto relacionado a pedidos, conselhos e reclamações, o que pode revelar efeitos discursivos diferentes para o uso dessas variantes nesse período.

- (7) Ah! *V.* julgava estar fazendo coisa sem sentido? Não, senhor, tudo aqui está muito bom, fique v. sabendo. (C9 / Carta para o amigo J. Pinto, datada de 18/02/1914)⁵

Na década de 1930, por sua vez, observamos uma variação entre *tu* e *você*, com *você* apresentando percentuais maiores de realizações – 86% (n = 202) contra 14% (n = 32) de *tu*. Nesse período, observamos que *você* já ocorre nos mesmos ambientes discursivos que *tu*, expressando intimidade e informalidade, como (8). Na década de 1940, há um uso categórico de *você*. Se compararmos esses dados com as fases apresentadas por Lopes, Marcotulio e Oliveira (2017), observamos que a implementação de *você*, nas cartas de Graciliano Ramos, ocorre mais tardiamente, mas de forma mais acentuada na década de 1930.⁶

⁵ É apenas nessa missiva que, na posição de sujeito, ocorre a mistura tratamental. Isso significa considerar que, nas cartas de Graciliano Ramos analisadas nesta pesquisa, houve uma uniformidade tratamental.

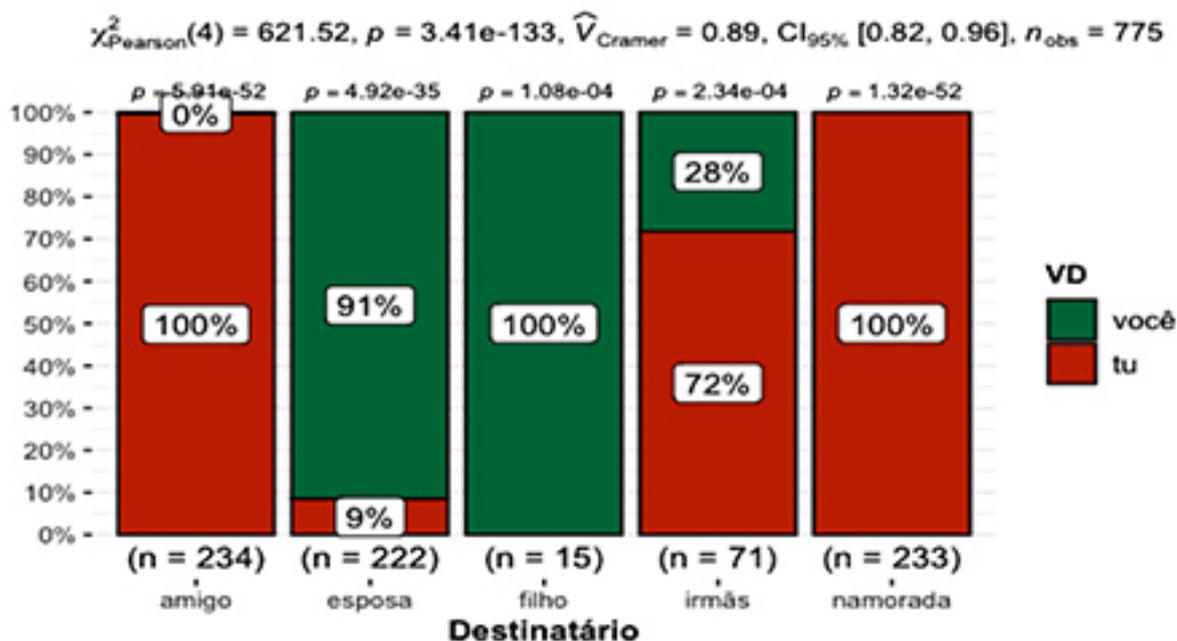
⁶ Uma hipótese para inserção tardia de *você* nas missivas de Graciliano Ramos pode estar associada à mobilidade espacial, conforme Rumeu e Lopes (2022). O autor alternou sua vida entre Alagoas e o Rio de Janeiro, o que pode ter influenciado seu vernáculo pelo contato com outras variedades urbanas.

- (8) Como *você* me pede para escrever sempre, pelo menos uma linha, aqui lhe mando a linha. Mas não é bom aceitar a obrigação de escrever por todos os correios, porque posso esquecer a tarefa e ando, como *você* sabe, muito ocupado com a Madalena e a d. Marcela. (C63 / Carta para a esposa, datada de 8/10/1932)

Os anos 1930 representam um divisor de água no Brasil, marcado pela expansão de novas camadas sociais e da mobilidade na estrutura de classes. Tal mudança foi motivada também pela ampliação do mercado de trabalho e do mercado consumidor, principalmente na capital do país. Foi um período propício às mudanças no âmbito sociolinguístico do tratamento na esfera familiar, pessoal e interpessoal. Por essa razão, as formas de tratamento tornaram-se mais instáveis neste período. A reestruturação dos papéis sociais propiciou o emprego de um tratamento menos marcado, o que favoreceu a crescente neutralização semântica de *você* e sua maior frequência de uso (LOPES; MARCOTULIO; OLIVEIRA, 2017, p. 36).

Tendo em vista que as relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário atuam na escolha dessas variantes linguísticas (BROWN; GILMAN, 1960), controlamos a variável destinatário e consideramos que *você* é mais frequente nas relações que apresentam [- intimidade], ou seja, quanto maior a relação de intimidade entre os missivistas, menor é o uso de *você* (SOUZA, 2012). Para tanto, controlamos os fatores amigo, esposa, filho, irmãs e namorada, e, conforme gráfico 4, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(1, n = 775) = 621.52$ $p < 0.001$, com associação forte ($V^2 = 0.89$).

Gráfico 4: Distribuição de *tu* e *você* na variável destinatário



Fonte: elaboração da autora

Os dados mostram que *você* é mais frequente nas interações entre Graciliano Ramos e o filho Júnio Ramos e Graciliano Ramos e a esposa Heloísa Ramos, com percentuais de 100% ($n = 15$)

e 91% (n = 203), respectivamente. Tendo em vista que *você* tende a apresentar uma semântica de [+ distanciamento], essas relações parecem indicar [- solidariedade] quanto às relações entre Graciliano Ramos e o amigo J. Pinto, Graciliano Ramos e a namorada Heloísa de Medeiros e Graciliano Ramos e as irmãs Leonor, Otacília e Marili, que favorecem o uso do pronome *tu* – 100% (n = 233), 100% (n = 233) e 72% (n = 51), respectivamente.

Se considerarmos que “a nova forma *você* ainda preservaria, de certa maneira, a semântica de [+ distanciamento] e [- intimidade] advinda da forma original, não perdendo completamente suas características primárias” (SOUZA, 2012, p. 113), podemos propor que há um contínuo de intimidade entre Graciliano Ramos e os seus destinatários, conforme proposto na figura 1. A ideia básica é que, se o tratamento *você* se caracteriza como mais atenuador, apresentando um uso mais distante e polido, e, por isso, mais frequente em contextos de [- intimidade], há diferentes graus de intimidade nessas missivas.

Figura 1: Contínuo de intimidade entre remetente e destinatário

filho	esposa	irmãs	amigo	namorada
----->				
[- intimidade]			[+ intimidade]	

Fonte: elaboração da autora

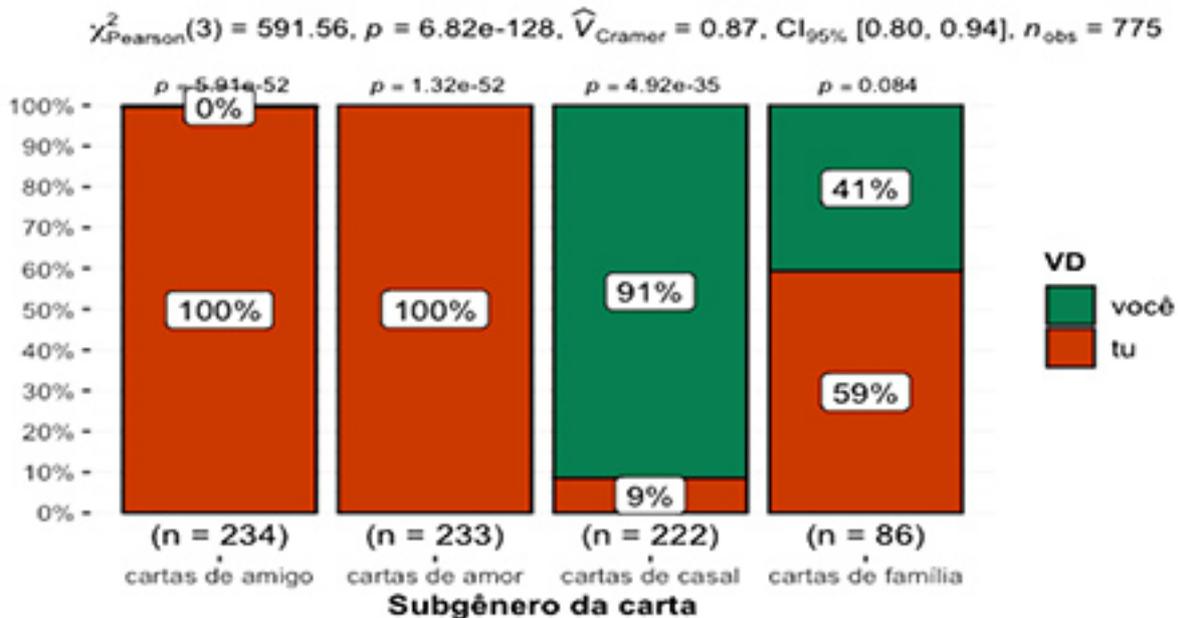
Tomando por base os percentuais de uso de *você*, observamos que, nesse contínuo de intimidade, o filho, que apresenta uma relação assimétrica descendente (pai-filho), teria [- intimidade] com Graciliano Ramos, apresentando um uso categórico de *você*. A esposa, que apresenta uma relação simétrica – esposo/esposa – mas ainda com [- intimidade], também favorecem o uso de *você*. As irmãs, o amigo e a namorada apresentam também uma relação simétrica – irmão/irmãs, amigo/amigo e namorado/namorada – mas teriam uma relação de [+ intimidade] com Graciliano Ramos, favorecendo assim mais o uso do pronome *tu*.

Ainda com o intuito de explorar a relação entre as formas linguísticas *tu* e *você* e a relação de proximidade e distanciamento entre remetente e destinatários, controlamos a variável subgênero da carta. Souza (2012, p. 113) argumenta que “no âmbito das cartas pessoais, estariam reunidos diferentes tipos de cartas pessoais, à semelhança dos tipos de relações familiares”. Isso significa considerar que, a depender do subgênero da carta, pode haver níveis diferentes de intimidade, solidariedade e cumplicidade entre remetente e destinatário, condicionando diretamente na escolha das formas de tratamento ao interlocutor.

Além dos diferentes níveis de intimidade, Oliveira (2014) ressalta a importância da temática abordada nas cartas. Considerando as discussões de Souza (2012), Oliveira (2014), Silva (2016), Silva e Gomes (2017) e Gomes (2021), controlamos os fatores cartas de amigo, cartas de amor, cartas de casal e cartas de família e partimos do pressuposto de que *tu* é mais favorecido em cartas mais intimistas, como as cartas de amor. De acordo com o gráfico 5, confirmamos nossa hipótese e

observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(3, n = 775) = 591.56$ $p < 0.001$, com associação forte ($V^2 = 0.87$).

Gráfico 5: Distribuição de *tu* e *você* na variável subgênero da carta



Fonte: elaboração da autora

Os dados mostram que, nas cartas de amigo, o uso do pronome *tu* predomina, apresentando apenas uma realização de *você*, como ressaltamos em (7). Nessas cartas, endereçadas ao amigo J. Pinto, encontramos temáticas sobre a rotina e vida do missivista, paqueras, obras literárias lidas e escritas, confissões sobre sentimentos e pedidos, como (9). Nas cartas de amor, também houve um uso categórico de *tu*. Essas cartas são endereçadas à namorada Heloisa Medeiros e relatam a saudade sentida, a falta de notícias da amada e as declarações de amor, como (10) e (11), predominando uma temática afetiva-amorosa.

- (9) Muito me diverti com a extravagante ideia que *tiveste* de pedir-me alguma coisa para ser publicada aí. Escrever, hoje, com a minha idade? Que *pensas* de mim? Eu sou um homem de ordem e sou uma cavalgada, meu velho. Mas uma cavalgada completa, sem presunção de espécie alguma. Vou dar-te uma prova de que vivo inteiramente alheio a essas coisas de escrevinhar. (C32 / Carta para o amigo, datada de 08/12/1921)
- (10) Por que me *quiseste*? Deram-te conselhos? Por que *apareceste* mudada em vinte e quatro horas? Eu te procurei porque endoideci por tua causa quando te vi pela primeira vez. É necessário que isto acabe logo. Tenho raiva de ti, meu amor. (C35 / Carta para a namorada, datada de 16/1/1928)

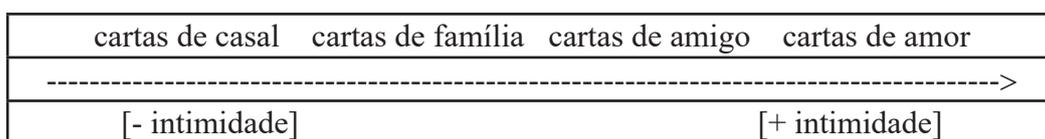
- (11) *Dizes* que brevemente *serás* a metade de minha alma. A metade? Brevemente? Não: já agora *és*, não a metade, mas toda. Dou-te a alma inteira, deixa-me apenas uma pequena parte para que eu possa existir por algum tempo e adorar-te. (C40 / Carta para a namorada, datada de 04/02/1928)

O uso do pronome *tu* também predomina no subgênero cartas de família – 59% (n = 51) *versus* 41% de *você* (n = 35). Nessas cartas, encontramos notícias sobre saúde, informações sobre parentes, reclamações, relatos da rotina de Graciliano Ramos, como (12). Nas cartas de casal, apesar de ter a mesma destinatária das missivas de amor, Heloisa de Medeiros Ramos, mas agora no papel de esposa de Graciliano Ramos, observamos que predomina o uso de *você* – 91% (n = 203) contra 9% (n = 19) de *tu*. Nessas cartas, prevalecem os relatos sobre a rotina do missivista, notícias sobre os filhos, trabalho e saúde, como (13).

- (12) Tenho horror aos indivíduos parados, seu Júnio, gosto da gente que se mexe e tem coragem de dar um pontapé na coisa útil, necessária, indispensável. Isto por aqui vai como *você* pode imaginar. Além da confusão política, dos avanços e recuos, o negócio de livros anda mal. (C110 / Carta para o filho, datada de 20/07/1947)
- (13) À noite tivemos um banquete. É verdade, um banquete medonho de mais de cento e cinquenta talheres. Naturalmente *você* está aí arrancando os cabelos ao pensar que apareci nesse banquete com a roupa com que desembarquei na Colônia. Explica-se: é que não tenho outra. (C93 / Carta para a esposa, datada de 28/2/1937)

Esses dados mostram que há um paralelo entre as variáveis destinatário e subgênero da carta, conforme Souza (2012), mas, nem toda carta de casal se caracteriza como uma carta amorosa, corroborando a discussão de Gomes (2021). As cartas de amor, tendo em vista a forte presença do discurso amoroso, são mais intimistas e apresentam um teor mais próximo e afetivo, favorecendo mais o uso do pronome *tu*, caso que não ocorre nas cartas de casal. Nesse contexto, é possível propor que há um contínuo de intimidade, conforme figura 2, com as cartas de casal apresentando [- intimidade] e as cartas de amor [+ intimidade].

Figura 2: Contínuo de intimidade nos subgêneros das cartas

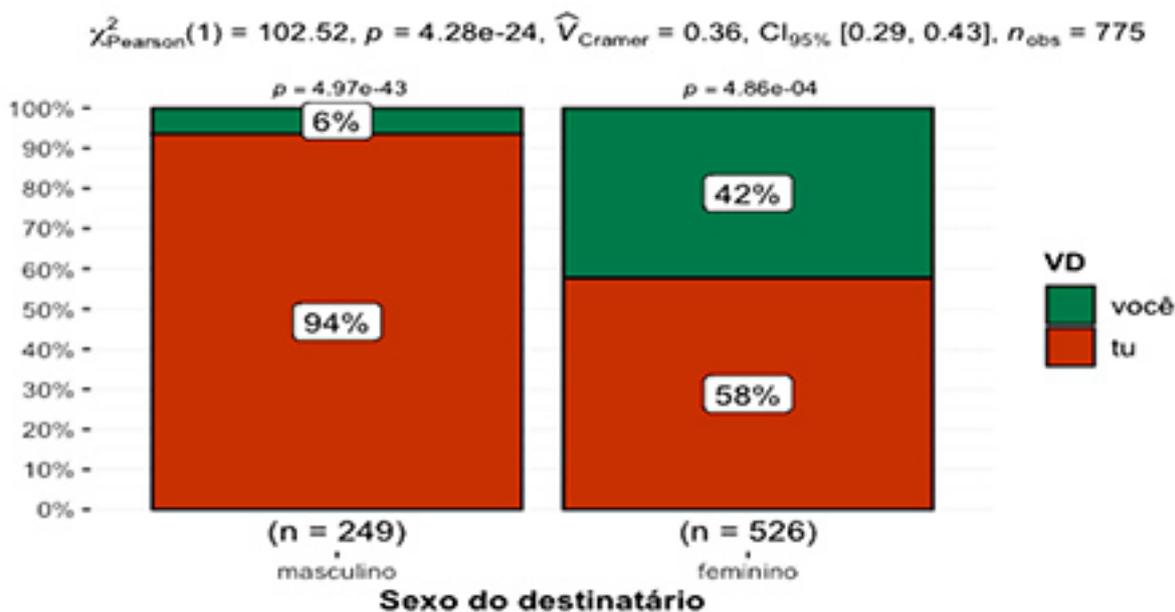


Fonte: elaboração da autora

Com o objetivo de verificar se a relação entre os sexos dos interlocutores interfere no uso dessas variantes, controlamos a variável sexo do destinatário e acreditamos que, nas missivas destinadas às

mulheres, há um favorecimento maior do tratamento *você*, tendo em vista o seu caráter mais atenuador (RUMEU, 2013). De acordo com o gráfico 6, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(1, n = 775) = 102.52$ $p < 0.001$, com associação média ($V^2 = 0.36$), e verificamos que há uma maior realização de *você* para o fator feminino – 42% ($n = 223$) contra 6% ($n = 16$) para o fator masculino.

Gráfico 6: Distribuição de *tu* e *você* na variável sexo do destinatário



Fonte: elaboração da autora

Esses dados confirmam a hipótese de que *você* é mais frequente nas missivas destinadas às mulheres, o que pode estar associado ao caráter mais atenuador do tratamento *você*, sendo, assim, mais empregado em relações menos simétricas e menos solidárias. Silva (2019) mostra que, a depender da relação entre os sexos dos interlocutores, há diferenças no comportamento de *tu* e *você*, com o tratamento *você* sendo mais frequente na relação homem/mulher, entendida como uma relação mais assimétrica. A autora argumenta que, nas relações homem/homem e mulher/mulher, há mais simetria, favorecendo mais o uso de *tu*, o que pode ser associado ao fato do pronome *tu* ser considerado mais simétrico e solidário.

Conclusão

Neste artigo, analisamos o processo de difusão de *você* na posição de sujeito na variedade alagoana. Para tanto, recorremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) e à Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e utilizamos uma amostra constituída por 110 cartas pessoais escritas pelo escritor alagoano Graciliano Ramos

na primeira metade do século XX. Para a análise dos dados, controlamos as variáveis realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário, através de análises univariadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2022).

Nossos dados mostram que o pronome *tu* é mais frequente, apresentando um comportamento mais íntimo e solidário. A alta frequência de *tu* não corrobora as pesquisas que mostram que, na região Nordeste, o *você* já era o tratamento preferido no início do século XX. Como focalizamos na escrita de um escritor ilustre alagoano, esse comportamento pode ser um reflexo do fato de que, no processo de implementação de *você* no português brasileiro, os homens se mostraram mais conservadores, com a implementação de *você* sendo descrita como processo de mudança conduzido pelas mulheres (RUMEU, 2013).

Também observamos que *você* é mais frequente nos seguintes contextos: sujeito expreso, décadas de 1930 e 1940, relações entre Graciliano Ramos e a esposa Heloísa Ramos e Graciliano Ramos e o filho Júnio Ramos, subgênero carta de casal e destinatário feminino. Esses dados mostram que o tratamento *você* apresenta um comportamento menos solidário, corroborando os estudos sociolinguísticos que mostram o caráter mais atenuador dessa variante (LOPES *et al.*, 2018). No entanto, necessário se faz mais descrições, pelo viés da Sociolinguística Histórica, sobre a inserção de *você* na variedade alagoana.

Referências

- ATAÍDE, C.; LIMA, T. A variação diatópica dos pronomes pessoais *tu* e *você* em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, pp. 92-103, 2018.
- BASSO, J. *O artesão da palavra: Graciliano Ramos, literatura, educação e resistência*. 2010. 122f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Nova York: MIT Press, 1960. pp. 253-276.
- CARDOSO, S. *Caminhos dos pronomes pessoais no português brasileiro: considerações a partir de dados do projeto ALiB*. 2008. Disponível em: http://dlcv.ffch.usp.br/sites/dlcv.ffch.usp.br/files/09_3.pdf. Acesso em: 10 out. 2017.
- CONDE SILVESTRE, J. *Sociolinguística Histórica*. Madri: Editora Gredos, 2007.
- COUTO, L.; LOPES, C. (org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011.
- DIVINO, L. *Tu e você em cinco estados do Nordeste a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: um estudo variacionista*. 2020. 254f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- FREITAG, R. *Variáveis categóricas*, 2020. Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GOMES, V. Tradição e variação dos modos de dizer das cartas de casais do litoral e do sertão pernambucano. *XI Encontro de sociolinguística: A Sociolinguística no Nordeste*. 2021 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7j4XUTlwjfo>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

GOMES, V.; LOPES, C. Formas de tratamento em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. *RELIN*, v. 14, n. 1, pp. 137-65, 2016.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.; CONDE SILVESTRE, J. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

MONTGOMERY, M. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, R.; LUCAS, C. *Sociolinguistic variation: theories, methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 110-32.

LEBENSZTAYN, I. Cartas inéditas de Graciliano Ramos: estilo, amizades, bastidores da criação literária e da história. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, pp. 145-53, 2014.

LOPES, C. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. (orgs.). *Sujeito e Linguagem: séries trilhas linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v. 17, pp. 47-74.

LOPES, C. *et al.* A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: LOPES, C. (org.) *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018.

LOPES, C.; CAVALCANTE, S. A cronologia do *voceamento* no português brasileiro: expansão de *você*-sujeito e retenção do clítico-*te*. *Linguística*, v. 25, pp. 30-65, 2011.

LOPES, C.; DUARTE, E. De *Vossa Mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Fólio, Rio de Janeiro, 2003, pp. 61-76.

LOPES, C.; MARCOTULIO, L.; OLIVEIRA, T. A atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: uma análise de cartas pessoais (1870-1979). *Estudos de linguística galega*, v. especial I, pp. 29-44, 2017.

LOPES, C.; SOUZA, J. Os caminhos trilhados por você... em cartas cariocas (séculos XIX-XX). In: LOBO, T. *et al.* (orgs.). *ROSAE: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. 1. ed. Salvador: EUFBA, 2012, v.1.

MARTINS, M. *et al.* Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste. *LaborHistórico*, RJ, 1(1), pp. 26-48, jan-jun, 2015.

MELO, H.; GOMES, V. As tradições discursivas nos subgêneros das cartas pessoais pernambucanas. *Encontros de Vista*, Recife, 21, pp. 28-41, 2018.

MENON, O. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, pp. 91-106, 1995.

- OLIVEIRA, T. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. 2014. 166f. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2014.
- PATIL, I.; POWELL, C. *Ggstatsplot: “ggplot2”, Based Plots with Statistical Details*, 2018.
- R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- RAMOS, G. *Cartas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- ROSA, E. Sociolinguística Histórica. *Revista de Letras*, v.17, n. 21, jul./dez., 2015.
- RUMEU, M. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, pp. 545-76, 2013.
- RUMEU, M.; LOPES, C. A influência das redes sociais na produção escrita de brasileiros cultos: reflexões acerca da história do *você*. In: OLIVEIRA, J.; MOTA, J.; REIS, R. *Contribuições para a linguística brasileira: uma homenagem a Dinah Callou*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2022.
- SCHERRE, M. et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 133-72.
- SCHERRE, M.; ANDRADE, C.; CATÃO, R. Por onde transitam o *tu* e o *você* no Nordeste. *Revista de Letras*, Fortaleza, v.1, n. 40, pp. 1-40, 2021.
- SOUZA, J. *Mapeando a entrada de você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SILVA, A. Cartas de amor pernambucanas da primeira metade do século XX: uma análise do subgênero. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 5, n. 2, pp. 199-215, 2016.
- SILVA, S. *A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité do Nóia /AL*. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.
- SILVA, W. *Pronomes de 2ª pessoa do singular em falares alagoanos: uma análise variacionista*. 2020. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.
- SILVA, A.; GOMES, V. Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas da primeira metade do século XX. In: ATAIDE, C. (org.). *Gelne 40 anos: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura*. São Paulo: Blucher, 2017.
- SILVA, S.; VITÓRIO, E. A variação *você* e *cê* no sertão alagoano. *Revista Leitura*, v. 2, n. 59, pp. 122-42, 2017.
- VITÓRIO, E. A variação *tu* e *você* em Maceió, Alagoas. *Todas as Letras*, v. 20, n. 2, pp. 85-99, 2018.

VITÓRIO, E. Percepções sociolinguísticas de estudantes universitários em relação ao uso do pronome *tu*. *Revista Investigações*, v. 32, n. 2, pp. 432-55, 2019.

VITÓRIO, E. Avaliação social e a concordância verbal com o pronome *tu*. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, pp. 151-70, jan.-jun. 2021.

VITÓRIO, E.; SILVA, S. A variação tu/você/cê na posição de sujeito e o problema da avaliação linguística no sertão alagoano. In: NUNES, C.; SILVA, C. (orgs.) *A língua em foco no nordeste brasileiro: d'além das capitais*. São Paulo: Pontes Editora, 2021, pp. 149-69.

WICKHAM, H. *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. New York: Springer-Verlag, 2016. Disponível em: <https://ggplot2.tidyverse.org>.